

A IMAGEM DO CORPO NO FOCO DA METÁFORA E DA METONÍMIA

Suzy Lagazzi

Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Neste artigo apresento uma proposta analítico-discursiva da textualização visual do corpo no filme **Linha de Passe** tendo como elementos articuladores dessa análise a metáfora e a metonímia. Com o objetivo de compreender o acontecimento simbólico do corpo discursivizando o social, trago meu investimento na deslinearização da imagem.

Palavras-Chave: Imagem, corpo, discurso, acontecimento simbólico.

Resumen: La imagen del cuerpo en el foco de la metáfora y de la metonimia. En este artículo presento una propuesta analítico discursiva del proceso textual visual del cuerpo en la película **Linha de Passe** habiendo como elementos articuladores de esa análisis la metáfora y a la metonimia. Con el objetivo de comprender el acontecimiento simbólico del cuerpo discurrendo lo social, traigo mi investimento en la desalineación. de la imagen.

Palabras clave: Imagen, cuerpo, discurso, acontecimiento simbólico.

O corpo na deslinearização da imagem

Tomo o corpo enquanto objeto discursivo para compreender seu acontecimento simbólico na discursivização do social sob o prisma da imagem e de alguns processos de visualização. Uma proposta que vem se afirmando em meu percurso e que agora me permite algumas considerações mais consequentes.

Conceito que sempre se impõe nas análises discursivo-materialistas, a contradição nos desafia, no materialismo, a sempre tentar compreender que toda unidade se compõe por diferenças que não se dissipam e que se interdeterminam. Afirmação nada banal esta, tenho tentado cada vez mais torná-la presente em minhas análises.

Tomando o corpo como foco na relação com a contradição do social, meu primeiro

desafio foi, em **Boca de Lixo**,¹ abrir o olhar e entrecruzar os planos na imagem do corpo fletido do catador em meio ao lixo, para poder compreender a tensão entre os sentidos de trabalho e não-trabalho em disputa na formulação visual. A imagem do corpo fletido que afirmava a memória do sentido do trabalho braçal, e a imagem do lixo que negava ao catador a possibilidade do sentido de trabalho em uma sociedade significada pela saúde, pela higiene e pelo capitalismo. Imagens em contradição. Na remissão do intradiscorso - o corpo fletido em meio ao lixo significado como fora do lugar - ao interdiscorso - a memória do corpo legitimado em posição de trabalho -, a contradição entre corpo fletido e lixo se fez visível e me

¹Cf. O Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. (LAGAZZI, 2011b)

permitiu compreender o processo discursivo². Uma mesma formulação visual se desdobrando em diferentes imagens do corpo e do social.

Tereza³ me propôs um segundo desafio ao apresentar os rostos dos presidiários na regularidade intradiscursiva de imagens recortadas, que descrevi como rostos indefinidos em composições inconclusas, que permitiam numa mesma formulação visual tanto a identificação do rosto de uma personagem quanto de um criminoso. Uma conjunção contraditória, no intradiscorso, de imagens de criminosos *e/ou* personagens imbricadas com enunciados verbais de fatos *e/ou* histórias, ressoando no interdiscurso pela conjunção contraditória de verdades *e/ou* ficções. Impasse equívoco formulado visualmente em rostos que se desdobram em diferentes imagens do social.

Compreender o desdobramento da formulação visual em diferentes imagens, o que se dá pela relação entre o inter e o intradiscorso, me permite trazer, para o dispositivo analítico discursivo, a deslinearização da imagem, pensando o acontecimento da estrutura na sua composição visual.

Dando consequência à textualização das imagens no acontecimento simbólico do corpo, que é o ponto em foco neste artigo, me proponho à retomada analítica do filme **Linha de Passe**⁴, no qual cheguei, também pelo trabalho com a contradição, ao processo que nomeei como "metonimização das imagens".

Em **Linha de Passe** minha escuta foi capturada pela contradição que constitui a relação das personagens com o desejo e a falta, na forma de sonhos que marcam suas vidas. E o que capturou meu olhar foi o modo como a câmera textualiza essa relação com os sonhos, materializando o desejo e a falta, que são o mote de todo o filme. Compreender o acontecimento simbólico do corpo em **Linha**

de Passe significa especificar, no modo de textualização da câmera, derivas de sentido para o social no desdobramento das imagens do corpo na relação entre o intra e o interdiscurso. Para isto lanço mão da metáfora e da metonímia, retomando a discussão em que me aventurei sobre esses dois conceitos⁵. Isto significa, mais uma vez, voltar a **Freud e Lacan**, de Althusser (1984), o que é sempre um ganho.

A retomada teórica da metáfora e da metonímia

Retomo a afirmação de Althusser, que "o discurso do inconsciente é condição absoluta de qualquer discurso" (idem, p. 67). Em meu entendimento, esta afirmação vem especificar o que Althusser julga ser a grande descoberta e contribuição de Lacan, e que diz respeito à compreensão de que é sob a lei da linguagem que se fixa e se dá toda a ordem humana (idem, p. 64). Poder dizer que estamos todos sob a lei da linguagem e que o discurso do inconsciente é condição pra que a linguagem se realize, me permite compreender que Lacan submete a ordem humana ao inconsciente, e isso é uma questão de filiação!

Para Lacan, diz Althusser, falar na lei da linguagem é falar na Ordem Simbólica, que é a Ordem do Significante, uma ordem inconsciente do discurso. Justamente para precisar essa ordem inconsciente, Althusser retoma os dois grandes momentos da passagem da existência biológica à existência humana: o primeiro, diz o autor, é "o momento da relação dual", em que a criança vive com a mãe "no modo do fascínio imaginário do ego [...] todos *os outros* da identificação narcísica primária, sem jamais poder tomar, face ao outro ou a si mesma, a distância objetivante do terceiro" (idem, p. 64). O segundo momento, o "do Édipo",

no qual surge uma estrutura ternária no fundo da estrutura dual, quando o terceiro (o pai) se imiscui, como um intruso, na satisfação imaginária do fascínio dual,

² Nos termos das construções relativas, teríamos a contradição visual traduzida pelo enunciado *O corpo fletido, que é instrumento de trabalho braçal, que está em meio ao lixo, não pode estar trabalhando*.

³ Cf. O recorte significante na memória. (LAGAZZI, 2009).

⁴ Cf. A materialidade significante em análise. (LAGAZZI, 2011a)

⁵ Cf. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. (LAGAZZI, 2013)

perturba a sua economia, quebra os seus fascínios, e introduz a criança nisso a que Lacan chama a Ordem Simbólica, a da linguagem objetivante, que lhe permitirá dizer finalmente: eu, tu, ele ou ela, que permitirá, pois, ao serzinho situar-se como criança humana num mundo de terceiros adultos. (idem, p.65).

Embora o primeiro momento seja o do imaginário e o segundo momento o do simbólico, Lacan esclarece que os "dois momentos são dominados e marcados por uma única Lei, *a do Simbólico* [...] sob a própria forma da Ordem do significante, ou seja, sob a forma de uma Ordem formalmente idêntica à ordem da linguagem", nos diz Althusser (idem, p. 65), ressaltando que o discurso do Outro, do grande Terceiro, é o que vem permitir a objetivação nas relações de linguagem, é o discurso do inconsciente (idem, p.67).

E como situar a metáfora e a metonímia na relação com o inconsciente?

Althusser retoma em Freud o deslocamento e a condensação, propostos para explicar as "leis" do sonho, para chegar à correlação feita por Lacan destes com as figuras linguísticas da metonímia (combinação) e da metáfora (seleção), formuladas por Jakobson como sendo os dois eixos da linguagem.

Daí resulta que o lapso, o ato falho, a piada e o sintoma se tornavam, como os elementos do próprio sonho: *Significantes*, inscritos na cadeia de um discurso inconsciente, dublando em silêncio, ou seja, em voz ensurdecadora, no desconhecimento do "recalcamento", a cadeia do discurso verbal do sujeito humano. Com isso, éramos introduzidos ao paradoxo [...] de um discurso duplo e uno, inconsciente e verbal, só tendo como campo duplo um campo único sem nenhum além a não ser em si mesmo: o campo da "cadeia significante". (idem, p.63)

Lacan, localizando o deslocamento e a condensação nas dimensões da cadeia significante, propõe que "a condensação é uma metáfora" e que o "deslocamento é uma metonímia". A metáfora "diz para o sujeito o

sentido recalcado do seu objeto". Na metonímia "se marca que é o desejo, desejo de outra coisa que falta sempre" (DUCROT; TODOROV, 1982, p.416).

Porque o que implica estas duas fórmulas é que não chega, para fazer um tropo, pôr uma palavra no lugar de outra em virtude dos seus significados respectivos. A metáfora, muito mais precisamente, é o *aparecimento numa cadeia significante dada de um significante vindo de uma outra cadeia*, tendo este significante ultrapassado a barra ("resistente") do algoritmo para perturbar, com a sua "disrupção", o significado da primeira cadeia, onde produz um efeito de não-sentido: testemunhando que é "antes do sujeito" que surge o sentido. Quanto à metonímia, remete menos de um termo para outro, do que marca a *função essencial da falta no interior da cadeia significante*: a conexão dos significantes que permitem operar "a transferência" daquilo que não deixa de faltar num discurso, ou seja, um prazer definitivo." (DUCROT; TODOROV, 1982, p.417)

Ressaltei, nessa minha investida sobre a relação entre a metáfora e a metonímia, que sendo elas definidas em função da cadeia significante, a metáfora nos faz pensar a alteridade e a metonímia afirma a falta constitutiva da cadeia significante. Dando um pouco mais de consequência e essas relações, digo que tanto a metáfora quanto a metonímia nos fazem pensar a alteridade: a alteridade pela deriva na metáfora e a alteridade no encadeamento, pela metonímia. No entrelaçamento desses pontos, entendo que a irrupção, numa cadeia significante dada, de um significante vindo de uma outra cadeia, que é o que define a metáfora, só é possível porque a falta constitui a cadeia significante, que é o que caracteriza a metonímia. Na contraparte, é porque o recalque é constitutivo do sentido que a falta é função essencial no interior da cadeia significante. Tomando a cadeia significante como a estrutura de base para a realização da linguagem, metáfora e metonímia estarão sempre juntas, em determinação mútua, seleção e combinação, condensação e deslocamento, recalque e falta se constituindo em processos sempre em

concomitância na realização da linguagem, a linguagem se produzindo no cruzamento desses processos. Metáfora e metonímia definindo o jogo da linguagem como um jogo significante e estruturando o discurso do inconsciente.

Sentido recalcado e desejo do que sempre falta são as definições de Lacan para a metáfora e a metonímia, o que me leva a pensar o significante no movimento do irrealizado para um sujeito descentrado, "constituído por uma estrutura que também tem um 'centro' apenas no desconhecimento imaginário do 'eu', ou seja, nas formações ideológicas em que ele se 'reconhece'" (ALTHUSSER, idem, p.71). Chamo a atenção sobre o processo do reconhecimento, que se dá no desconhecimento. Desconhecimento de que o familiar e o estranho se entrelaçam nos efeitos metafórico e metonímico.

Hora de dar consequência a esta retomada sobre a metáfora e a metonímia, tentando atualizá-la em **Linha de Passe** na reflexão sobre a contradição na imagem do corpo.

A metáfora e a metonímia no dispositivo analítico discursivo

Volto à captura do meu olhar em **Linha de Passe** para ajustar o foco no processo que nomeei como metonimização das imagens e poder compreender, na textualização do corpo pela câmera, o desdobramento das imagens na discursivização do social, na relação entre o inter e o intradiscurso.

O lugar do corpo em **Linha de Passe** é forte no contraponto de negar e afirmar aos sujeitos os seus sonhos, produzindo o efeito de um boicote do social. Em meio aos vários sonhos que vão sendo negados e afirmados, o corpo marca sua presença: o corpo grávido de Cleuza nega e afirma o sonho de um amor e de um companheiro; no corpo de Dario se nega e se afirma, pela chuteira em frangalhos, o sonho de ele se realizar como jogador profissional de futebol; no corpo de Denis, um corpo que percorre e vasculha a cidade em cima da sua moto, temos um corpo que busca incessantemente um ponto de parada para o seu afeto; no corpo de Dinho, que

incansavelmente ampara a Irmã paraplégica, vai se negando e afirmando seu encontro com a religião; o corpo de Reginaldo, entre a busca do pai motorista e o aninhamento no "seu" sofá, nega a realização do encontro com seu pai, sem abandonar a busca pelo seu pertencimento.

Quero compreender, na textualização das imagens desses corpos (em) que (se) nega(m) e afirma(m) sonhos ao sujeito, a discursivização do social. No modo de a câmera textualizar a contradição entre desejo e falta em imagens do corpo está o processo que me disponho a especificar retomando a relação entre a metáfora e a metonímia.

Observar a textualização da imagem do corpo na discursivização do social em **Linha de Passe** é um modo de melhor compreender o trabalho simbólico da contradição. O filme demanda nosso olhar sobre as possibilidades de deriva da imagem, convocando o deslize dos sentidos em recortes equívocos.

Quando em minha primeira abordagem de **Linha de Passe** falei no processo de metonimização das imagens, eu disse que temos nesse filme "metonímias que condensam a falta". Equívoco importante! Retomando Lacan, nas palavras de Ducrot e Todorov, o autor nos diz que "a condensação é uma metáfora" e que o "deslocamento é uma metonímia", que a metáfora "diz para o sujeito o sentido recalcado do seu objeto", e que na metonímia "se marca que é o desejo, desejo de outra coisa que falta sempre".

Portanto, ao imbricar condensação e falta, eu fiz o gesto de entrecruzar metáfora e metonímia, dando visibilidade ao que afirmei um pouco antes neste texto: a irrupção, numa cadeia significante dada, de um significante vindo de uma outra cadeia, que é o que define a metáfora, só é possível porque a falta constitui a cadeia significante, que é o que caracteriza a metonímia. Na contraparte, é porque o recalque é constitutivo do sentido que a falta é função essencial no interior da cadeia significante.



A remissão destas imagens em sua materialidade significativa ao conjunto do filme me permite falar de um sujeito que busca acolhida. O sofá é um dos lugares dessa acolhida, ao lado do volante da perua Kombi que permite a Reginaldo "brincar" de motorista. Buscando incessantemente encontrar seu pai, Reginaldo só sabe que ele é motorista de ônibus. No intradiscurso das imagens acima temos um corpo já deitado e aninhado no "seu" sofá, que se entrega ao torpor do sono que vem e vai, imobilizado

também no olhar que se perde no vazio. Uma relação intradiscursiva que não traz o fora do sofá e nem mesmo o todo desse sofá e desse corpo. Só vemos em close parte desse corpo em contato com esse espaço de aninhamento. O close desta imagem produz, discursivamente, o apartamento com o que está fora, marcando o limite entre o dentro e o fora. Um corpo que metaforicamente se imobiliza e se recolhe no recalque da sua busca e que metonimicamente marca o desejo do encontro que está fora desse sofá, encontro que sempre falta. Temos a formulação visual de um corpo imobilizado e isolado nos limites da cena, que produz a imagem de um sujeito recolhido e tolhido em seu desejo de encontrar o pai. Mas esse corpo se formula em um contraponto intradiscursivo importante: o torpor do sofá fica intercalado com a animação que o "fingir-se" motorista traz.



Na textualização das imagens, o close novamente chama a atenção, fechando a cena e produzindo discursivamente um limite entre o dentro e o fora, entre sonho e realidade. Um corpo que metaforicamente se agarra ao volante no recalque da sua busca e que metonimicamente marca o desejo do encontro que fica circunscrito ao gesto de estar ao volante. Temos a formulação visual de um corpo isolado nos limites da cena, mas não mais imobilizado. A imagem de um sujeito não mais tolhido, mas recolhido em seu desejo de encontrar o pai. Reafirma-se, portanto, pelo close na textualização das imagens, o limite entre o dentro e o fora, a relação entre o dentro e o sonho.

E o "fingir-se" motorista toma corpo na realidade retratada no filme:



Não mais o corpo aninhado em "seu" sofá ou ao volante da Kombi, mas o corpo de Reginaldo ao volante de um ônibus, dirigindo.

Novamente o volante em metáfora no desejo metonímico de ter o pai. Um sujeito tomado pelo desejo. Formulações visuais de um corpo que se desdobra interdiscursivamente em diferentes imagens: na imagem de um sujeito tolhido no desejo de encontrar seu pai, na imagem de um sujeito recolhido no desejo de encontrar seu pai, na imagem de um sujeito tomado pelo desejo de encontrar seu pai. Contradição constitutiva do sujeito entre desejo e falta. Na relação com o social, este corpo fica significado, em **Linha de Passe**, no funcionamento discursivo do jogo contraditório entre o fora e o dentro, entre o boicote do social e a possibilidade do sonho, jogo nem de inclusão nem de exclusão, mas de tensão.

Esta análise do corpo em **Linha de Passe** dá visibilidade a uma regularidade importante na textualização das imagens em todo o filme: o fechamento das cenas em closes, produzindo no corpo de cada personagem o jogo contraditório entre o dentro de cada sonho e o fora do boicote do social. Um funcionamento discursivo relevante não apenas na relação com o corpo de Reginaldo. O corpo grávido de Cleuza, na delimitação entre o dentro e o fora pelo close da câmera, metaforiza no filho que vai chegar o desejo metonímico de ter o amor de um companheiro. No corpo de Dario, pela delimitação entre o dentro e o fora no close da câmera, fica metaforizado pela chuteira em frangalhos o desejo metonímico de ele se realizar como jogador profissional de futebol. O corpo de Denis metaforiza, pelo close da câmera que constantemente fecha a cena em sua cabeça coberta pelo capacete, o desejo metonímico de um ponto de parada para o seu afeto. O corpo de Dinho metaforiza, pelo close da câmera no seu gesto de suportar o corpo da Irmã paraplégica, o desejo metonímico de encontrar a paz na religião.

Formulações visuais do corpo que se desdobram em diferentes imagens do sujeito e nos mostram a importância da remissão do intradiscorso ao interdiscorso para compreender a textualização das imagens.

Na regularidade do fechamento das cenas em closes em **Linha de Passe**, a textualização das imagens me permitiu compreender, no

cruzamento entre metáfora e metonímia, o acontecimento simbólico do corpo discursivizando o social. Uma discursivização que fala da equivocidade das formulações visuais do corpo se desdobrando em diferentes imagens do sujeito, fala da tensão contraditória entre o sujeito e as condições que o boicotam no social.

E tornando conseqüente meu investimento no cruzamento entre metáfora e metonímia, me proponho a falar em "metaforizações metonímicas da imagem", em substituição ao processo que nomeei como metonimização da imagem no primeiro momento de minha abordagem de **Linha de Passe**.

Considero o investimento no processo de deslinearização da imagem um caminho analítico discursivo produtivo, que pode ainda contribuir significativamente para a abordagem da imagem na relação entre sua materialidade significativa e a história.

Referências

ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan. Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário das Ciências da Linguagem**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

LAGAZZI, S. O recorte significativo na memória. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. In: **O Discurso na Contemporaneidade. Materialidades e Fronteiras**. F. Indursky, M. C. L. Ferreira & S. Mittmann (orgs.). São Carlos: Claraluz, 2009. p.67-78.

_____. A materialidade significativa em análise. In: **A Análise do Discurso e suas Interfaces**. L.V.Tfouni, D.M.Monte-Serrat, P.Chiaretti (orgs.). São Carlos: Pedro & João, 2011a. p.311-324.

_____. O Recorte e o Entremeio: condições para a Materialidade Significante. In: **Análise de Discurso no Brasil: pensando o**

impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. E.A.Rodrigues, G.L.Santos, L.C.Branco (orgs.). Campinas, RG Editores, 2011b. p. 401-410.

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. In: **Estudos do Texto e do Discurso. O discurso em contrapontos: Foucault, Maingueneau, Pêcheux**. S.Lagazzi, E.C.Romualdo, I.Tasso (orgs.). São Carlos: Pedro & João, 2013. p.311-331.

Linha de Passe. Direção de Walter Salles e Daniela Thomas, Produção Walter Salles, Roteiro Daniela Thomas e Bráulio Mantovani. Rio de Janeiro: Universal Pictures, 2008. (108 min.)

Recebido em: 27 de fevereiro de 2013.

Aceito em: 20 de março de 2013.